

DA OCLUSÃO À ACESSIBILIDADE: A DINÂMICA OPERACIONAL DO PREFIXO DES- EM UNIDADES VERBAIS

**FROM OCCLUSION TO ACCESSIBILITY: THE OPERATIONAL DYNAMICS OF
THE PREFIX DES- IN VERBAL UNITS**

Linguística & Letras e Artes • 08/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/791253494](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/791253494)

Andreana Carvalho de Barros Araújo¹

Maria Auxiliadora Ferreira Lima²

RESUMO

Este artigo investiga o comportamento semântico-enunciativo do marcador prefixal *des-* associado à base verbal *cobrir* no português brasileiro. O objetivo central é analisar a dinâmica operacional que preside a escolha desse prefixo para marcar a transição entre o estado de oclusão/inacessibilidade (E_1) e o de acessibilidade/disponibilidade (E_2). Fundamentado na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli, e nos conceitos de Forma Esquemática e Predicado Complexo de Paillard (2004), o trabalho afasta-se da visão morfológica tradicional que reduz a prefixação a uma inversão mecânica de sentido. Metodologicamente, adota-se a abordagem qualitativa e indutiva da Teoria dos Observáveis, operada por meio da seleção, manipulação e confrontação de enunciados reais extraídos de ferramentas de busca digital. Os resultados demonstram que o prefixo *des-* atua como um operador de determinação que reconfigura as propriedades do verbo e a estrutura argumental da base verbal. A análise revela que a transição de E_1 para E_2 se estabiliza em duas grandes esferas de variação reguladas pela forma esquemática: uma direcionada à extensão física, à remoção de barreiras materiais e à visibilidade do objeto; e outra voltada à inteligibilidade, à acessibilidade cognitiva e à revelação de noções abstratas (como mistérios e verdades). Conclui-se que a unidade prefixada *descobrir* constitui um lexema autônomo e dinâmico, cuja variação semântica é governada por princípios regulares de determinação e reconstrução no e pelo enunciado.

Palavras-chave: Prefixo *des-*; Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas; Forma Esquemática; Predicado Complexo; Oclusão-Acessibilidade.

ABSTRACT

This article investigates the semantic-enunciative behavior of the prefixal marker *des-* associated with the verbal base *cobrir* in Brazilian Portuguese. The central objective is to analyze the operational dynamics governing the choice of this prefix to mark the transition between a state of occlusion/inaccessibility (E_1) and one of accessibility/availability (E_2). Grounded in Antoine Culioli's Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE) and Paillard's (2004) concepts of Schematic Form and Complex Predicate, this study departs from the traditional morphological view that reduces prefixation to a mechanical inversion of meaning. Methodologically, it adopts the qualitative and inductive approach of the Theory of Observables, operated through the selection, manipulation, and confrontation of authentic utterances extracted from digital search engines. The results demonstrate that the prefix *des-* acts as a determination operator that reconfigures both the verb's properties and the argument structure of the verbal base. The analysis reveals that the transition from E_1 to E_2 stabilizes across two major domains of variation governed by the schematic form: one directed towards physical extension, the removal of material barriers, and the object's visibility; and another focused on intelligibility, cognitive accessibility, and the disclosure of abstract notions (such as mysteries and truths). It is concluded that the prefixed unit *descobrir* constitutes an autonomous and dynamic lexeme whose semantic variation is governed by regular principles of determination and reconstruction in and through the utterance.

Keywords: Prefix *des-*; Theory of Predicative and Enunciative Operations; Schematic Form; Complex Predicate; Occlusion-Accessibility.

1. INTRODUÇÃO

A construção de novos sentidos na língua não se dá por uma simples rotulagem do real, mas como um processo dinâmico e contínuo em que a significação é construída no e pelo enunciado. Nesse cenário, a prefixação destaca-se como um recurso central para o desenvolvimento do léxico, permitindo que a língua reaproveite formas existentes para engendrar valores semânticos inéditos sem a necessidade de criar vocábulos completamente novos. Sob a ótica da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), o prefixo deixa de ser visto apenas como um inversor mecânico de sentido para atuar como um componente de um predicado complexo (Paillard, 2004). Assim, a associação de um prefixo a uma base verbal não é uma mera soma de partes, mas uma reconstrução da identidade semântica da unidade, em que os parâmetros de ambos se integram ativamente para instituir novas configurações de enunciação e estruturas actanciais próprias.

Contrariando a visão morfológica tradicional que reduz a prefixação a uma inversão mecânica ou a uma oposição direta de sentido, este estudo enfrenta um problema central: compreender de que modo o prefixo de fato combina seus parâmetros com os do verbo base para ir além de uma simples negação. A lacuna reside na necessidade de mapear as regras linguísticas não rígidas que operam nessa combinação, desvelando a mecânica fina que reconfigura a estrutura de argumentos da base e dá autonomia ao novo lexema verbal no uso prático.

O objetivo central deste artigo é analisar a dinâmica operacional que preside a escolha do prefixo *des-* como um recurso para marcar a transição entre dois estados distintos: o da inacessibilidade (E_1) e o da acessibilidade, visibilidade ou disponibilidade (E_2). Partindo do pressuposto de que a prefixação não é um processo aleatório, busca-

se compreender como esse marcador atua sobre a forma esquemática da base verbal para desestabilizar uma configuração de indisponibilidade ou fechamento e instituir uma nova cena enunciativa, na qual o objeto ou a noção se torna acessível ao domínio do sujeito ou ao campo de visão compartilhado. Justifica-se este trabalho pela oportunidade de demonstrar como esse marcador atua sobre a forma esquemática da base verbal para desestabilizar uma configuração de oclusão e instituir uma nova cena enunciativa. A análise foca, portanto, na utilização do prefixo como um operador de determinação capaz de reconstruir o predicado, orientando o sentido para a revelação, a descontinuidade do estado prévio e a emergência de uma nova qualidade de existência do que é enunciado.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A Forma Esquemática Como Matriz da Variação Semântica na TOPE

A análise da dinâmica operacional do prefixo *des-* exige a compreensão de que o sentido das formas linguísticas é o “resultado das posições que ocupam nas diferentes configurações” (Correia, 2008, p. 36). Sob essa ótica, a unidade prefixal não possui um sentido fixo, mas uma forma esquemática, que Culioli (1990) define como a representação semântica de uma unidade que unifica seus múltiplos valores.

De acordo com Franckel (2006, p. 66), a forma esquemática “define a identidade de uma palavra como a forma particular que ela tem de incorporar e de construir os meios que ela torna possível”. Não se trata de buscar um sentido central ou original, mas de identificar as

regularidades de variação que emergem nas interações. Como pólo regulador, a forma esquemática organiza e interpreta o cotexto, marcando os princípios que governam a variação em três planos fundamentais: a) variação interna à unidade: as deformações resultantes da interação com diferentes contextos; b) variação do cotexto: a ativação de parâmetros específicos da forma esquemática pelos itens lexicais vizinhos; c) variação das construções sintáticas: a identidade da unidade ligada ao seu tipo de construção e à reconstrução de sentido gerada por novos itens (Franckel; Paillard, 2011).

Essa perspectiva rompe com a ideia de que o léxico determina rigidamente a sintaxe. Pelo contrário, as construções gozam de certa autonomia, exigindo que a forma esquemática coloque em jogo “parâmetros semânticos abstratos [...] suscetíveis de suportar múltiplas especificações” (Franckel, 2006, p. 66). Assim, ao tratar do prefixo *des-*, a forma esquemática permite apreender a complexidade das operações enunciativas, revelando como a unidade se deforma e se estabiliza no jogo do enunciado para marcar a passagem da oclusão à acessibilidade.

2.2. A Noção de Predicado Complexo e a Interação Operacional

A compreensão da forma esquemática como polo regulador permite avançar para a noção de predicado complexo, defendida por Paillard (2004). Sob essa perspectiva, o verbo prefixado é interpretado como uma unidade nova, resultante da negociação entre dois programas operatórios: a forma esquemática da base [FE(V)] e a forma esquemática do prefixo [FE(pref)]. Essa relação não é uma mera adição morfológica, mas uma fusão em que o prefixo atua como um instanciador que seleciona, organiza e, por vezes,

reconfigura a estrutura de argumentos da base para produzir um efeito de sentido único no enunciado.

Nesse processo de reconstrução da unidade, base e prefixo podem apresentar pesos distintos. De acordo com Paillard (2004), a hipótese de uma identidade construída por ambas as partes pressupõe que o verbo prefixado constitua um lexema verbal autônomo, no qual o prefixo exerce uma função predicativa. Isso significa que o prefixo intervém diretamente na construção do evento designado, funcionando como uma “palavra relatora” que estabelece relações entre entidades e muitas vezes bloqueia ou redistribui argumentos que seriam aceitáveis no verbo simples.

Um dos argumentos apresentados em favor da função predicativa do prefixo é que um verbo prefixado frequentemente tem propriedades semânticas e sintáticas diferentes daquelas do verbo simples correspondente à base: pode se tratar de novas construções sintáticas (notadamente preposicionais) ou mesmo, e este é o caso mais frequente, uma redistribuição da classe dos N suscetíveis de ocupar tal ou tal lugar de complemento (Paillard, 2007, p. 92-93, tradução nossa)³.

Portanto, considerar o prefixo como parte de um predicado complexo exige a definição das regras de combinação que não são aleatórias, mas percebidas no uso e na manipulação dos enunciados. Ao articular a identidade semântica da forma esquemática com a representação do predicado e seus argumentos, torna-se possível descrever como o prefixo *des-* atua sobre a base para operacionalizar a transição entre os estados de oclusão e

acessibilidade, conferindo ao verbo prefixado uma identidade enunciativa própria.

3. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativo-descritiva e indutiva baseada na Teoria dos Observáveis (Culioli, 1990). A análise privilegia as marcas de operações linguísticas que acontecem nos textos, assumindo que o sentido é construído ativamente no enunciado por meio da interação entre a base verbal e o marcador prefixal.

A investigação é feita a partir de um recorte sincrônico do português brasileiro contemporâneo. Adotamos como critérios de delimitação morfológica: a autonomia da base na língua contemporânea, a derivação como formação de uma palavra nova e a efetiva alteração semântica em relação ao item de origem.

O *corpus* é constituído por enunciados reais de uso coletados digitalmente. Os dados referentes ao verbo *descobrir* (9 ocorrências selecionadas a partir de uma amostragem inicial de aproximadamente 100) foram recuperados de uma pesquisa anterior; já os enunciados do verbo simples *cobrir* foram coletados em janeiro de 2026 via mecanismo de busca *Google*. Adotamos um procedimento de busca manual e progressiva por combinações de palavras (ex.: *cobriu a...*, *cobria o...*), diversificando os contextos até atingir a saturação dos usos. Em seguida, aplicamos uma filtragem semântico-sintática para eliminar redundâncias, selecionando 12 enunciados representativos para a base.

A análise desenvolveu-se por meio do método de manipulação e teste de paráfrases. As unidades foram expostas a variações

cotextuais para capturar a invariância de sua identidade semântica. Em resumo, a análise se deu nas seguintes etapas:

O percurso analítico desenvolve-se em quatro etapas integradas:

1. Descrição da base verbal *cobrir*: mapeamento de sua estrutura argumental (X, Y, Z) e formalização de sua Forma Esquemática FE(V);
2. Investigação da unidade *descobrir*: observação de sua estrutura de argumentos e dos eixos de sentido a partir dos dados do *corpus*;
3. Análise comparativa entre base e prefixo: confronto entre *cobrir* e *descobrir* para testar a autonomia do prefixo e a impossibilidade de reduzi-lo a uma simples inversão antonímica;
4. Formalização do predicado complexo: elaboração da FE do prefixo *des-* (FE(pref) = X R Y) e sistematização de suas configurações de variação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. A Forma Esquemática de Cobrir: O Domínio da Inacessibilidade

Toda unidade da língua é capaz de ser operacionalizada por meio de uma forma esquemática (FE). Com base nessa premissa, construímos uma possível forma esquemática com base no funcionamento semântico da unidade *cobrir*. Nessa perspectiva, entendemos que o domínio de *cobrir* se estabelece de modo a gerar

uma inacessibilidade de uma determinada extensão. Isso é explicado com base nos parâmetros da seguinte FE(V): Um elemento **c** é estabelecido como fronteira ou interposição em relação a um domínio de incidência **a**, de modo que a realização de **c** pode coincidir com o domínio de incidência de **a**, afetando sua apreensão qualitativa ou sua acessibilidade. Essa relação é regulada por um agente **b**.

Tal FE é resultado da análise de diversos enunciados que apresentam em seu corpo o verbo cobrir como principal. Abaixo, selecionamos quatro exemplos para mostrar de que modo a unidade cobrir opera com base nessa FE.

4.1.1. Nós cobrimos o telhado da obra com telhas sanduíche

4.1.2. Virgínia cobriu a tatuagem do Rezende

4.1.3. O preço certo cobre o custo da peça

4.1.4. Alonso cobriu de porrada o guard-rail

Em *Nós cobrimos o telhado da obra com telhas sanduíche*, o elemento **b** (*nós*) manipula o meio **c** (*telhas*), posicionando-o sobre o domínio de incidência **a** (*telhado*). Ao fazê-lo, estabelece-se uma relação entre ambos que leva à proteção da casa e, conseqüentemente, o seu interior se torna indisponível ao exterior, pois o espaço do *telhado* está coberto pelas *telhas*. Nesse caso, o domínio de incidência de **a** corresponde a uma extensão física tangível (*telhado*).

De modo semelhante, em *Virgínia cobriu a tatuagem do Rezende*, a instância **b** (*Virgínia*) figura como a motivadora do processo,

independentemente de ela própria executar a nova pigmentação ou delegá-la a um terceiro. Na verdade, para o cálculo enunciativo, importa que esse elemento **b** é quem valida a relação de coincidência entre **c** (a nova arte) e **a** (a tatuagem pré-existente). A primeira tatuagem é disfarçada por outra que se estende sobre seu domínio (**a**), ocupando o mesmo espaço sem necessariamente ocultá-la em sua totalidade, mas aproveitando seus traços para transformá-la em um novo desenho, o que resulta na indisponibilidade visual do registro antigo.

Esse padrão repete-se em enunciados nos quais o elemento **a** se refere à dimensão espacial estrita. No exemplo 4.1.3, por exemplo, o elemento **c** atua como um valor financeiro que coincide com o domínio do *custo* ou da *oferta* (**a**), promovendo o preenchimento ou a equalização desse montante. É importante destacar que, nesse caso, a função de **c** não é impedir o acesso a **a**, mas preencher a integralidade desse valor.

Ainda há uma última situação em que o componente que ocupa a posição de **c** também se refere a uma extensão física. O que muda em relação aos dois primeiros exemplos é que o domínio da incidência, **a**, não é algo delimitado de um modo mais fechado. O *guard-rail*, nessa função de **a**, embora seja um elemento único e provavelmente de grande extensão, não é atingido de uma ponta a outra. A extensão aqui se realiza pela densidade de ocorrências num intervalo de tempo e espaço, gerando um efeito de saturação por impacto. Isso quer dizer que não há uma coincidência exata entre **a** e **c**, mas uma parte dessa extensão foi atingida de forma intensa de modo a gerar um impacto ou dano em um lugar específico do guard-rail. Como resultado dessa ação, uma parte da extensão física passa a representar a totalidade do evento. Diferentemente das

outras ocorrências, a importância não está na equivalência de ação de um elemento sobre o outro, mas na intensidade da ação.

Conforme demonstrado nos dados, a Forma Esquemática de *cobrir* pode ser sintetizada em três parâmetros operacionais:

1. Estabelecimento de fronteira/interposição: um elemento **c** posiciona-se em relação ao domínio de incidência **a**, atuando como barreira, proteção, oclusão ou meio de incidência sobre a sua extensão;
2. Coincidência e indisponibilidade: a aplicação ou realização de **c** coincide total ou parcialmente com a extensão de **a**, alterando sua apreensão qualitativa e gerando um estado de indisponibilidade, limitação ou inacessibilidade (física, visual ou funcional);
3. Regulação agentiva: a relação entre **c** e **a** é mediada por uma instância **b**, que atua como a motivadora ou manipuladora da ação, promovendo a sobreposição de **c** sobre **a**.

A inacessibilidade em *cobrir* manifesta-se em diferentes gradações e dimensões. No plano material, verifica-se uma indisponibilidade física voltada para a proteção (*cobrir o telhado*), indisponibilidade visual (*cobrir uma tatuagem*), ou ação intensa e iterativa que causa algum tipo de dano ou efeito no domínio de incidência (*cobrir de porrada o guard-rail*). Por sua vez, em domínios abstratos, como nas relações financeiras (*cobrir um custo*), podemos dizer que a operação também se processa por preenchimento, mas de um aspecto diferente. Nesse caso, o valor aplicado coincide exatamente com a lacuna do débito, saturando-o; consequentemente, o recurso financeiro mobilizado é absorvido pela fronteira daquela obrigação,

tornando-se indisponível para outros usos e fechando a possibilidade de aumento da dívida. Desse modo, independentemente do domínio (físico ou abstrato), a base *cobrir* consolida-se como um operador de limitação e estabelecimento de fronteira, instituindo um estado de inacessibilidade/indisponibilidade que servirá de baliza para a operação de descontinuidade exercida pelo prefixo *des-*.

Além disso, em termos de estrutura actancial, estão presentes os elementos **X**, **Y** que são, respectivamente, sujeito e complemento. Além destes, consideramos também o componente **Z** que pode surgir, representando um complemento preposicionado. Esse elemento pode surgir ocupando as funções de integrador, ocultador ou reparador. Para compreendermos esses elementos, observemos os exemplos a seguir:

4.1.5. Virgínia cobriu a tatuagem do Resende

4.1.6. A primeira neve do ano cobriu a cidade

4.1.7. Alonso cobriu de porrada o guard-rail

Esses três exemplos apresentam o elemento **X** que estamos considerando como sujeito, respectivamente, *Virgínia*, *neve* e *Alonso*. O primeiro e o último integram o grupo dos seres animados, enquanto *neve* faz parte do grupo dos inanimados, porém com característica agentiva. **X** regula **Z**, isto é, ele determina o modo de ação de **Z** sobre **Y**. Por exemplo, em *Virgínia (X) cobriu a tatuagem (Y)*, **Z** não é instanciado, mas, na prática, sabemos que a ação de cobrir nessa situação exige algo para esconder **Y**, que pode ser outra tatuagem ou maquiagem, nesse caso, **Z** age como componente ocultador. Independentemente do elemento na posição de **Z**, sua

função é esconder a tatuagem (**Y**), portanto **Z** deve se estender sobre toda sua extensão.

O componente **Y** da estrutura argumental do verbo *cobrir* é recorrente, por se tratar de um verbo transitivo, sempre se faz presente. Nesse caso, temos *tatuagem*, *cidade* e *guard-rail*, como elementos que podem sofrer a ação de **Z**.

Em suma, a unidade *cobrir* caracteriza-se por uma forma esquemática na qual um elemento **c** é estabelecido como fronteira ou interposição em relação a um domínio de incidência **a**, afetando sua acessibilidade ou apreensão qualitativa. No plano da estrutura argumental ou actancial, essa operação é regulada por um agente *X* (animado ou causativo), que manipula um componente *Z* (instrumental ou material) para fazê-lo coincidir com a extensão de um objeto ou evento *Y*. Observamos que a dinâmica de *cobrir* transita entre a proteção física, na qual a preposição *com* restringe o sentido à oclusão, e a intensidade da ação, marcada pela preposição *de*, que destaca a saturação do domínio *Y*. Assim, a identidade semântica de *cobrir* reside no preenchimento de um valor ou espaço de modo integral ou em termos de intensidade, estabelecendo uma relação de coincidência que pode tanto garantir a proteção quanto promover a indisponibilidade visual ou informativa do domínio afetado.

4.2. A Atuação do Prefixo *Des-* E o Rompimento do Domínio da Inacessibilidade

A presença do prefixo *des-* ocorre não para apagar a base, ou para simplesmente se opor ao sentido engendrado por *cobrir*, mas age de modo a romper com o operador de interposição que é

responsável por alterar a forma como o domínio a é apreendido pelo enunciador. Com isso, queremos dizer, em primeiro lugar, o que já explanamos anteriormente: cobrir não quer dizer apenas esconder ou tampar algo. Em segundo lugar, o uso do prefixo *des-* junto à base *cobrir* não implica necessariamente uma oposição entre cobrir e descobrir.

No quadro a seguir, apresentamos os enunciados que foram utilizados como base para as análises.

Quadro 1. Descobrir

Grupo	Sentido evocado	Exemplo
01	Conhecer	<i>Nessa mesma época, Yvonne descobriu a Bíblia. (As nove vidas de Dewey)</i>
02	Desvendar	<i>No século dezessete, um ancestral dele descobriu como diluir cacau em pó em água. (A culpa é das estrelas)</i>
03	Encontrar	<i>Algumas semanas depois, Larry abriu a grelha da churrasqueira, iluminou-a e descobriu um gato lá dentro. (As nove vidas de Dewey)</i>
04	Identificar-se	<i>Thiago Pantaleão fala como se descobriu artista (Youtube)</i>
05	Tomar conhecimento	<i>Pior ainda, depois de anos tentando, descobriu que nunca poderia ter filhos. (As nove vidas de Dewey)</i>
06	Conhecer	<i>Marina descobriu a... panela⁴</i>
07	Identificar	<i>Bárbara descobriu por que o gato era chamado de Ninja logo nos primeiros dias,</i>

		<i>quando abriu a porta e o viu agachado no final do corredor. (As nove vidas de Dewey)</i>
08	Aprender	<i>Só me diga como ligá-lo e desligá-lo... o resto eu descobrirei sozinha. (Cinquenta tons de cinza)</i>
09	Perceber	<i>No canto do fundo vejo um banco acolchoado de couro de cor vermelha, e junto à parede, uma estante de madeira onde parecia guardar tacos de bilhar, mas um observador atento descobriria que continha varas de diversos tamanhos e grossuras. (Cinquenta tons de cinza)</i>

Fonte: própria

De modo breve, mostraremos a estrutura argumental orquestrada por descobrir. Os elementos **X** (sujeito) e **Y** (complemento) da estrutura argumental do verbo são essenciais para os enunciados com *descobrir* dada a sua transitividade, o que aciona automaticamente o componente **Y**. O estado de **Y**, antes oculto, faz uma transição para exposto como resultado da ação de **X** (sujeito). Observemos os exemplos a seguir:

4.2.1. Nessa mesma época, **Yvonne** descobriu a **Bíblia**

4.2.2. Um **ancestral** dele descobriu como diluir **cacau** em pó em água

4.2.3. **Larry** abriu a grelha da churrasqueira, e descobriu um **gato** lá dentro

Nos três exemplos, evidencia-se uma relação entre **X** (Yvonne, ancestral e Larry) e **Y** (Bíblia, cacau⁵ e gato). Tal relação resulta em

uma Bíblia que passa a ser conhecida, na fórmula para diluir cacau em pó e em um gato encontrado. No entanto, **Y** só faz essa transição de um estado para o outro por conta da atuação de X, e a presença do prefixo *des-* permite que essa passagem se manifeste no enunciado. Isto é, o prefixo efetiva a transição de **Y** para o domínio da acessibilidade de **X**; assim, o que antes estava fora de alcance torna-se conhecido ou visível.

O sujeito agenciado por *descobrir*, em todos os enunciados selecionados, é agentivo. O verbo descobrir evoca sujeitos com atributos animados, capacidade cognitiva e agentiva. Os elementos do enunciado que assumem a função de **Y**, por sua vez, são bastante variados e vão desde simples objetos e seres animados, até informações, características, processos ou atividades, entre outros.

Consideramos ainda que há um elemento desencadeador **Z** que, embora não seja obrigatório no esquema argumental de *descobrir* e nem apareça em todos os enunciados, é o responsável pela transição de **Y** que passa de um estado oculto a um estado exposto. Contudo, sua ausência não implica sua inexistência.

É fato que a relação entre *cobrir* e *descobrir*, que parece tão simples quando olhamos para essas duas unidades deslocadas de seus enunciados, não se prova nas ocorrências dos enunciados. Isso ficou evidente com as manipulações realizadas em nossa tese, mas que não serão necessárias para este trabalho. No entanto, podemos afirmar que observamos a força exercida pelo prefixo sobre as unidades do enunciado quando agencia seus próprios argumentos. Como resultado dessas observações, chegamos às seguintes conclusões:

- a. *descobrir* não age como um antônimo de *cobrir*, pois quando apenas trocamos o *descobrir* por *cobrir* não funciona, na maioria das vezes, e quando funciona, o sentido é alterado para outro em que a relação de antonímia não existe. No exemplo, **Marina cobriu a panela*, só tem sucesso quando o sentido construído evoca *cobrir com alguma coisa*, mas nunca o contrário de *descobrir* quando evoca a descoberta do desconhecido;
- b. *descobrir* não aceita os argumentos de *cobrir*, como no exemplo, **naquela época, Yvonne descobriu a Bíblia (com um pano)*.
- c. o prefixo *des-* aciona seus próprios argumentos para construir os novos sentidos. Isto é, *descobrir* interage com um elemento que é descoberto sem intermédio de preposição ou de um adjunto adverbial.

A comparação entre as possibilidades de uso do prefixo *des-* diante da base *cobrir*, permite-nos traçar as configurações resultantes dessa associação base verbal e prefixo, conforme proposto por Paillard (2004). Desse modo, a combinação *des- + cobrir* se configura da seguinte forma, por meio da FE(pref): O prefixo *des-* funciona como um operador de reversão ou descontinuidade que atua na relação de sobreposição ou inacessibilidade, desfazendo o estado de mistério estabelecido pela base *cobrir*. Ele é responsável por selecionar o elemento **a** da FE(V), que ocupa o lugar de X na FE(pref), e o coloca em relação com um domínio de acessibilidade (Y), operando uma passagem de um estado inicial E₁(indisponível) para a posição E₂ (acessível). A FE(pref) = X R Y é, portanto, a descontinuidade entre o elemento indisponível (X) e o domínio de

acessibilidade (Y). Desse modo, o resultado dessa operação de combinação entre as formas esquemáticas da base verbal e do prefixo leva a uma reconfiguração de X.

Ao retomarmos o exemplo, *Larry abriu a grelha da churrasqueira e descobriu um gato lá dentro*, observamos que há dois estados de *gato*, antes e depois da ação do prefixo. Em E₁, há um gato que não estava disponível visualmente que passa para E₂, agora acessível à visão de Larry. Isto é, *o gato* passa para o domínio da acessibilidade (componente Y da FE(pref)). Essa passagem só é possível porque a *grelha*, elemento que impede que a ação se concretize, é aberta, ocorrendo a descontinuidade de seu efeito de bloqueio sobre *o gato*. Se fizermos uma associação com a FE(V), a *grelha* ocuparia a posição do componente **c**, interpondo-se ao domínio de incidência de **a**.

Em outro exemplo (*Thiago Pantaleão fala como se descobriu artista*), há um E₁ em que *Thiago* não reconhece em si as características de um *artista* e um estado E₂ no qual essas características são identificadas. Não é apresentado no texto um elemento que possamos identificar como impeditivo para que a passagem de um estado a outro ocorra. É válido destacar que, no exemplo anterior, há um objeto material que assume essa função, enquanto, neste caso, trata-se de elementos subjetivos e imateriais. Embora esse elemento de bloqueio não esteja lexicalizado, ele é descontinuado pela operação do prefixo, o que permite que o *artista* seja reconfigurado na FE(pref).

Essa análise, leva em conta que há uma combinação entre a FE(V) e a FE(pref), bem como seus esquemas argumentativos. Desse modo, somos levados a dividir dois modos de configuração da FE.

Configuração A

Nessa configuração, o prefixo *des-* opera como um operador de reversão física, como se observa na oposição entre *nós cobrimos o telhado (com telhas)* e *nós descobrimos o telhado*. Cumpre destacar que a presença do prefixo não apaga nem anula a Forma Esquemática da base verbal *cobrir*, a matriz semântica de interposição e fronteira permanece subjacente à operação. O que ocorre é que *des-* bloqueia a manifestação do argumento **c** (o meio/instrumento de oclusão, como *as telhas*) no plano da superfície do enunciado, uma vez que o próprio prefixo assume a função de desfazer essa barreira. Assim, a ação incide sobre o obstáculo físico sem alterar a natureza do elemento **a** da FE(V), que ocupa a posição do complemento **X** na estrutura actancial. Essa operação se caracteriza por sua reversibilidade, funcionando de modo análogo a um dispositivo de alternância do tipo “liga/desliga”, passível de ser executado e desfeito iterativamente. Isso evidencia a independência entre os elementos da estrutura, tornando a acessibilidade uma alteração temporária no estado físico do domínio afetado (**Y**). Tanto o verbo simples quanto o verbo prefixado reportam-se ao mesmo domínio conceitual e acionam a mesma grade argumental, com a diferença de que a especificação explícita do componente *c* é interdita pela presença do operador prefixal. Em poucas palavras afirmamos que:

- a. a presença do prefixo gera uma relação de oposição em relação ao verbo base, atuando como uma força que desfaz a ação do componente **c** da FE(V);
- b. o componente **c** não é apagado da FE, mas tem sua manifestação sintática bloqueada na superfície do enunciado

pela presença de *des-*;

- c. o elemento **a** da FE(V) se reconstrói como elemento acessível na posição de **X** FE(pref), retomando um estado inicial (E_1), mas não recebe as determinações de **Y**.

Configuração B

Os acontecimentos, nessa configuração, não são os mesmos para o verbo simples e o verbo prefixado. Observemos o seguinte exemplo: *O governo local terá que cobrir essa perda (com o dinheiro do contribuinte) / O governo local terá que descobrir essa perda*. Nesse caso, o prefixo age de forma autônoma, reconfigurando a propriedade do ocultamento referente à base verbal, transpondo-a para o domínio do cognitivo, ou seja, detectar uma informação. Diferente da configuração A, há uma reconfiguração qualitativa do **a** da FE(V), visto que ao ocupar a posição de X na FE(pref) Y, de certo modo, instaura novas propriedades. Em resumo, temos:

- a. a presença do prefixo não gera uma relação de oposição em relação ao verbo base e a ação de **c** da FE(V) é totalmente desconsiderada;
- b. o elemento **a** da FS (V) também instancia o lugar do argumento que corresponde a **X** no esquema do prefixo;
- c. o componente **c** em posição de complemento do verbo base não pode acontecer no esquema argumental do prefixo;
- d. na FE(pref), **X** recebe as determinações de **Y**.

Observamos que, de um modo geral, a diferença entre as duas configurações reside na atuação de Y sobre X em se tratando da FE(pref). Essa atuação incide diretamente na autonomia do prefixo des- e a construção de sua identidade no jogo das interações que ocorre nos enunciados. Nessa análise, conseguimos ver de que modo um elemento tomado da FE(V) se reconstrói na FE(pref) e como esses elementos atuam nessa complexa combinação. Apresentaremos a seguir um quadro comparativo entre as duas configurações.

Quadro 2. Comparação entre as configurações A e B

Característica	Configuração A (telhado)	Configuração B (perda)
Status de a-X	a-X é pré-existente e estável.	a-X é ressignificado pela operação.
Determinação	X não recebe determinações de Y . O telhado não vira mais telhado por ser visto.	X recebe as determinações de Y . A perda passa a ser um fato conhecido e delimitado.
Papel do Prefixo	Inverter uma ação física (c).	Transição de um estado de ignorância para o saber.
O Mistério	É um obstáculo físico removível.	É uma lacuna de conhecimento que, ao ser preenchida, muda o objeto.
Resultado Enunciativo	Retomada do estado anterior (E_1).	Instauração de um novo estatuto de acessibilidade (E_2).

Fonte: própria

Portanto, a unidade *descobrir* traz à tona a revelação do mistério, termo que aqui assume uma função técnica: o estado de um domínio de incidência **a** que, embora existente, necessita da operação de descontinuidade do prefixo para tornar-se acessível. Com isso, encerramos a análise da base *cobrir* e sua forma prefixada, evidenciando que a morfologia, sob a ótica da TOPE, não é apenas uma soma de partes, mas uma complexa negociação de cenários e propriedades que define como percebemos e acessamos o mundo por meio da linguagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs-se a enfrentar o problema de compreender como o prefixo *des-* atua na construção de um predicado complexo junto à unidade verbal *cobrir*, superando a visão morfológica tradicional que o reduz a um mero inversor mecânico de sentido. O objetivo central foi analisar a dinâmica operacional e os princípios de variação que orientam a escolha desse marcador pelo sujeito enunciador para sinalizar a transição entre um estado de oclusão ou inacessibilidade (E1) e um estado de acessibilidade ou disponibilidade (E2), tomando como foco a unidade *descobrir*.

Os resultados demonstraram que a relação entre o prefixo e a base verbal *cobrir* não pode ser considerada uma oposição binária simples, mas uma fusão regulada por uma forma esquemática. A transição de E1 para E2 manifesta-se em duas grandes esferas de variação: uma quantitativa (QNT), vinculada à extensão física, desobstrução e visibilidade material de um objeto, e outra qualitativa (QLT), voltada para domínios abstratos, onde o prefixo opera a acessibilidade cognitiva, a inteligibilidade e a revelação de noções interpretadas tecnicamente como mistérios.

A principal contribuição deste estudo reside em validar empiricamente a eficácia da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) para explicar a polissemia e a flexibilidade do léxico em uso, provando que o prefixo altera ativamente a estrutura argumental e actancial do verbo. Como limitação, reconhece-se o escopo restrito da análise a uma única base verbal (*cobrir*) dentro do vasto universo de verbos prefixados por *des-*.

Para trabalhos futuros, sugerimos a ampliação do *corpus* por meio da investigação dessa mesma dinâmica operacional de transição (oclusão-acessibilidade) em outras bases verbais do português brasileiro (como *desfazer*, *desatar* ou *desvendar*), a fim de mapear a regularidade transverbal desse operador de determinação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, C. N. (org.) **A polissemia não existe.** *Cadernos WGT: Polissemia*. Lisboa: NOVA FCSH, 2008. p. 35-39

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations.** Tome 1. Paris: Ophrys, 1990

FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In. DE VOGÜÉ, S., FRANCKEL, J-J., PAILLARD, D. **Linguagem e Enunciação: representação, referenciação e regulação.** São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-102

FRANCKEL, J.-J. **Situation, contexte et valeur référentielle.** In. Textes, contextes, pratiques, n 129/130, 2006. p. 51-70

PAILLARD, D. **A propos des verbes prefixes.** Études linguistiques et sémiotiques. Slovo n. 30-31, INALCO, Paris, 2004. p. 13-43 DOI :

PAILLARD, D. **Verbes préfixés et « intensité » en français et en russe.** Travaux de linguistique 2007/2, n° 55, 2007. p. 133-149.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), mestre em Linguística pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e professora substituta da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professora titular da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

³ Un des arguments avancés en faveur de la fonction prédicative du préfixe est qu'un verbe préfixé a, souvent, des propriétés sémantiques et syntaxiques différentes de celles du verbe simple correspondant à la base: il peut s'agir de nouvelles constructions syntaxiques (notamment prépositionnelles) ou encore, et c'est le cas le plus fréquent, d'un redéploiement de la classe des N susceptibles d'occuper telle ou telle place de complément.

⁴ Relacionado à descoberta de uma criança no texto original que é título de um livro.

⁵ Estamos considerando cacau como componente Y por se tratar do elemento central do sintagma nominal e para facilitar a discussão, mas estamos cientes de que o sintagma nominal, como *diluir **cacau** em pó em água*, é que exerce a função de objeto direto da oração.

